

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 98

19 de março de 2011

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Bom dia a todos.

Eu queria antes de tudo ler um artigo que acabo de enviar ao Diário do Comércio, não sei em que dia será publicado, mas é do interesse dos alunos deste curso. O artigo chama-se “Como tornar-se um gostosão intelectual”:

O grande benefício social das filosofias prontas é que basta aderir a uma delas da boca para fora, sem mesmo precisar conhecê-la, e instantaneamente o cidadão se eleva ao estatuto de fiscal das filosofias alheias, com direito a julgá-las ex cathedra e então sentir-se lindo, maravilhoso, um perfeito gostosão intelectual.

Três correntes de pensamento, por serem as mais citadas na mídia – com a admirável brevidade dos escritos jornalísticos –, e também porque a classe dos professores universitários não as ignora de todo, têm sido no Brasil as mais freqüentadas por aquelas criaturas, que aí encontram o reconforto de uma prótese cultural capaz de dar, a baixo preço, uma aparência de solidez às suas vacilantes identidades pessoais, roídas na base por um pai relapso e uma mãe opressora, ou vice-versa.

São essas correntes:

(a) O marxismo, compreendido no seu sentido mais elástico, que não implica nenhum contato nem mesmo manual com as obras de Karl Marx, dando-se por satisfeito, no mais das vezes, com o vago e delicioso sentimento de pertinência à parte mais progressista e iluminada da espécie humana, adquirido na prática assídua de greves estudantis e na freqüentação diuturna de rodinhas de violão.

(b) O aristotélico-tomismo, sem Aristóteles nem Tomás, porque ninguém é de ferro. Para tornar-se autoridade na matéria, vá até a paróquia mais próxima, confesse uns pecados quaisquer – não os piores, é claro – e saia falando mal dos protestantes, dos judeus e dos esquisitões como eu. Isso vale por um Ph. D. em filosofia escolástica pela Universidade de Navarra.

(c) O liberalismo iluminista-materialista-cientificista, no qual se pode adquirir uma formação completa mediante o Dicionário Filosófico de Voltaire, mais

alguns capítulos seletos de A Sociedade Aberta e Seus Inimigos de Sir Karl Popper e uma ou duas entrevistas do Dr. Richard Dawkins no youtube.

Uma quarta corrente de idéias é a dos tradicionalistas guénonianos, evolianos e duguinianos. Mas ela é bem menos popular que as outras três, porque seus membros praticam o segredo iniciático, que consiste em esconder-se debaixo da cama com medo do Kali-Yuga e jamais ser vistos em parte alguma, nisto consistindo, precisamente, o ritual de ingresso nessa comunidade de elite.

Qualquer pessoa de inteligência mediana, inferior ou nula pode se inscrever nos quadros de uma dessas quatro militâncias mediante simples declaração escrita, oral ou mental e transfigurar-se imediatamente em seu porta-voz autorizadíssimo, passando a verberar os adversários reais ou irreais das ditas cujas com palavras de fogo desferidas, quais mortíferos petardos celestes, desde os cimos imortais do Orkut e do Facebook.

O imprudente que não tenha tido a oportunidade ou desejo de dissolver sua individualidade pensante num desses grupos de referência, ou que sinta a natural dificuldade humana de reduzir sua experiência do mundo às fórmulas mais simplórias e autoprobatantes que neles se cultivam sob o nome de “filosofia”, de “teologia”, de “ciência” ou de “sabedoria esotérica”, será inelutavelmente chamado de “fascista” pelo primeiro, de “herético” pelo segundo, de “fanático religioso” pelo terceiro e de “profano” pelo quarto.

Feito isso, os membros de cada uma das agremiações se cumprimentarão efusivamente, celebrando a vitória da solidariedade comunitária sobre a intolerável pretensão individual de investigar a verdade da situação concreta.

Isto aqui parece gozação, mas não é. É a descrição literal do que se observa neste país. Existem estes quatro clubes, e a vida intelectual consiste em se inscrever em um deles, se sentir solidário com outras pessoas – e naturalmente hostil a outros grupos – e sair julgando tudo conforme a adequação maior ou menor daquilo que você leu ou ouviu às exigências do grupo respectivo. Ou seja, toda a atividade intelectual se reduziu a um trabalho classificatório – você classifica as idéias de acordo com a distância maior ou menor daquilo que o seu grupo de referências, os seus amigos, consideram o certo.

Agora, o que em geral as pessoas não percebem é que a concordância de uma proposição ou de uma idéia com uma determinada escola de pensamento não tem absolutamente nada a ver com a realidade das coisas, mas é uma atividade puramente verbal, uma questão semântica. Você pega dois escritos, vê o que um está dizendo e confere com o outro. Por exemplo, digamos que em um esteja escrito: “Os jacarés voam de costas”; e no outro: “De costas voam os jacarés”. Se eu sou capaz de fazer uma interpretação profunda e percebo que a ordem das palavras não afeta o seu significado, eu concluo que há concordância entre as sentenças. O que esta atividade tem a ver com a veracidade ou falsidade do que está dito? Absolutamente nada! Ou seja, a concordância entre aparências de significado e a sua devida verificação é tudo o que se faz no Brasil de hoje, com o nome de atividade intelectual. Isso se faz nas universidades, se faz na imprensa dita cultural, na imprensa não dita

cultural, na televisão, no rádio, nas escolas, nos grupos de estudantes, no Orkut, no Facebook, e assim por diante. Isso é tudo.

Eu observo essa coisa desde que eu saí do Brasil e fico cada vez mais perplexo. Como é possível alguém achar que isso tem alguma importância? E como é possível as pessoas não perceberem que essa atividade de verificação da concordância entre afirmações pouco tem a ver com o conhecimento da realidade, mas apenas com o conhecimento dos textos – mesmo supondo-se que a verificação seja extremamente meticulosa e exata? Para você supor que isto tem algo a ver com a realidade seria preciso você supor que o texto que você tomou como referência já é a própria tradução da verdade. Porém, como você pode saber isto se você nunca averiguou a verdade sobre nada, mas só a concordância de textos? Isso quer dizer que a busca do conhecimento sobre uma verdade concreta, portanto uma verdade que não venha com uma fórmula verbal, uma verdade que não seja um texto, é uma coisa que parece totalmente desconhecida a essas pessoas. Por exemplo, se você assiste a uma briga de rua: o sujeito agrediu o outro. Isto não é uma fórmula verbal, é uma série de gestos praticados no espaço, com algumas consequências anátomo-fisiológicas, e às vezes consequências legais: a polícia pode intervir, os dois podem ir presos etc. Então, não é uma sequência de afirmações. Para você simplesmente contar isso aí, descrever isso rapidamente para outra pessoa, você precisa mobilizar todo um sistema de equivalências que você já sabe que é imperfeito e que terá não só de sofrer adaptações para poder se adequar à descrição daquele caso concreto, mas também terá de contar com a compreensão do ouvinte que vai completar imaginariamente o que você disser. Isto é uma operação extremamente complexa. Agora conferir texto com texto **[10:00]** é uma atividade, por assim dizer, bidimensional, que não tem a profundidade do contato com a realidade.

Isso quer dizer que se você pegar todas as pessoas que estão escrevendo em jornal, lecionando em universidade, escrevendo no Orkut, no Facebook, em blogs, todos, você não encontra compromisso com a realidade... Desde que eu vim pra cá eu passei a me dedicar a isto quase que sistematicamente: procurar alguma descrição da realidade. Algo que o sujeito tenha tirado não de um texto, não de um conjunto de afirmativas, mas de uma percepção sensível, por exemplo.

Os grandes escritores sabem como é difícil você partir de uma realidade tridimensional e criar outra realidade puramente verbal, que lida ou ouvida por uma terceira pessoa, lhe dê imaginariamente uma percepção parecida com a originária. Por exemplo, existe a famosa crônica do Carlos Drummond de Andrade em que ele descreve a briga entre duas mulheres na rua. Procurem isto, é uma coisa simples, de uma página, só a descrição da briga... Por que é que um grande poeta escreveria uma coisa dessas? Porque ele sabe que precisa fazer exercícios. E ele sabe que um acontecimento muito simples, como duas mulheres brigando num cortiço, não é fácil de transpor em palavras. No caso, Drummond, como qualquer escritor de ofício, mostra que tem consciência de que a verdade não se compõe de palavras, e de que, mesmo a descrição mais perfeita, é incompleta porque só se perfaz na imaginação do leitor ou ouvinte. Quer dizer, o escrito por si mesmo não quer dizer nada. É como uma partitura não tocada. Você pode ler a partitura, mas

pelo menos em pensamento você vai ter que refazer o som. Há pessoas que são capazes de ler uma partitura, que conhecem as notas, mas não conseguem imaginar ao mesmo tempo o som real. Ou seja, elas não estão ouvindo nem mentalmente. Do mesmo modo, há leitores que compreendem as palavras, mas que não conseguem fazer o esforço de imaginação que os aproximaria da percepção que o escritor teve no momento. Não conseguem nem mesmo se aproximar da mera recordação que o autor teve da percepção.

A falta de consciência da distância entre as palavras e os fatos demonstra um nível de alfabetização muitíssimo baixo, porque, num primeiro momento, as palavras que você está aprendendo na escola, ou que sua mãe está lhe ensinando, aparecem para você como se fossem um jogo ou uma disciplina, e você tem que aprender as regras dessa disciplina. Essas regras em si mesmas são um fato da realidade, é uma coisa que existe, e você vai ter se adaptar àquilo. Nesse primeiro momento, a conexão entre palavra e coisa nem mesmo existe; ela não precisa existir, porque a simples atividade de você aprender o uso das palavras já é tudo. A possibilidade de uma fala mais exata ou menos exata no sentido de amoldar-se à realidade durante muitos anos não existe. O aprender a falar é em si uma atividade que consome a atenção da criança e por isso mesmo a questão da veracidade, da conexão objetiva com a realidade, não existe, vai ocorrer muito mais tarde. O que nós vemos é que no Brasil praticamente toda a classe falante não passou dessa etapa de aprendizado, de maneira que o falar é o começo e o fim da atividade. Falar e ouvir, ou escrever e ler é tudo. A linguagem como instrumento de instalação e de relacionamento com uma realidade externa simplesmente não existe. É como um sujeito que recebesse o seu extrato bancário, visse lá o saldo em vermelho, e não compreendesse que isso equivale a uma falta de dinheiro, a um débito que ele tem no banco. É mais ou menos isso, portanto ele não vai tomar providência alguma.

Essa espécie de imersão na linguagem como sendo uma experiência que se completa em si mesma pode prosseguir pelo resto da vida. O sujeito pode ler milhares de livros e nunca sair disso. Ele vai viver sempre dentro de um mundo verbal: toda a atividade mental dele vai converter umas palavras em outras palavras, depois em outras palavras, e assim por diante. No Brasil, chegou a se constituir numa escola literária: o concretismo era isso! O concretismo lidava com as palavras como se elas fossem objetos concretos, como se a poesia fosse um objeto. Ora, qualquer palavra ou afirmativa que seja em si mesma um objeto não tem nenhuma referência ao mundo exterior, nenhuma referência a nada, ela se completa em si mesma. E a compreensão que o leitor vai ter disto será um outro discurso que ele produzirá na cabeça dele no instante em que lê aquilo. É por isso que esse negócio de desconstrucionismo, que no universo inteiro todo mundo sabe que é uma psicose, no Brasil virou quase um mandamento divino, porque o desconstrucionismo é uma teoria que justifica isso, ao dizer que nenhum texto tem nenhuma referência à realidade, uma afirmação que se desmente no ato. Se nenhum texto tem relação com a realidade, um texto também não pode se referir a outro texto, porque texto não existe em si mesmo, mas somente quando é impresso em uma coisa chamada papel, ou pedra, ou madeira... É preciso um substrato tridimensional para que o texto seja possível. Então, se nenhum texto tem referência a uma

coisa externa, então a referência de um texto a outro texto só poderia acontecer se a ligação entre os textos fosse direta e sem a intermediação física! Então é uma teoria que no seu primeiro enunciado já é pra você mandar o sujeito pra aquele lugar e não prestar mais atenção, porque só pode ser uma brincadeira, uma suposição. Nós podemos até examinar os textos sob esse aspecto, mas não quer dizer que eles sejam isto.

Mais ainda, a identidade verbal dos vários grupos, ou seja, a capacidade que eles têm de repetir as mesmas frases, ou mesmos frases repetidas, ou até de fazer certas variações em torno das mesmas frases, fornece aos indivíduos que ingressam nesses grupos um reforço social e psicológico, e uma espécie de identidade. Elas passam a achar que elas são aquilo: “Eu sou marxista”, “Eu sou aristotélico-tomista”, “Eu sou liberal”, “Eu sou isso e aquilo”. Então, o sujeito começa a achar que ele sabe algo a respeito dele mesmo, só que esse algo é uma espécie de profecia auto-realizável: ele só é isso porque ele está declarando que é isso, e não porque isto corresponda efetivamente a alguma realidade dentro dele. Não há como verificar se corresponde a alguma realidade porque a adesão à idéia também só se realiza no plano verbal. Então é claro que tudo isso é uma psicose. A circulação de idéias no Brasil é psicótica, é uma coisa muito grave, e uma vez que o sujeito entrou nisso ele pode permanecer assim o resto da vida dele, pouco importando a “cultura” que ele adquira. É isto que se chamaria antigamente uma cultura livresca, mas o nome não é muito adequado. Eu diria apenas que é uma cultura verbal, uma cultura feita apenas de verbalismo e mais nada. E o atrativo disto [20:00] também é muito grande justamente porque a partir daí você faz amigos, influencia as pessoas, cria um grupo de referência e às vezes tem até um sentimento, pelo menos no instante em que você está falando ou escrevendo, quando você afirma aquela identidade e isto mesmo lhe dá alguma segurança naquele momento. Quando a segurança vacilar daqui a 10 minutos, a solução será repetir a afirmação, com alguma variação e com uma ênfase um pouco maior. E não vai passar disto! Em nenhum desses casos você verá nenhuma tentativa, não digo nem um esforço, mas uma tentativa de fazer a conversão do não-verbal em verbal, que é a questão decisiva, porque a realidade mais óbvia é que só nos chegam sob a forma de palavras as ações humanas e mais nada no universo. Se você olha uma paisagem, não há palavra nenhuma ali; há árvores, pedras, passarinhos, bichos, folhas... Nada disso são palavras, são coisas. Então, praticamente tudo nos chega sob a forma de coisas, e não de palavras.

Eu estou descrevendo um fenômeno brasileiro, mas nós podemos investigar isto sob um ponto de vista mais filosófico e perguntar: Como é possível este fenômeno? Qual é o fundamento antropológico desta possibilidade que se realiza de uma maneira mais nítida e com uma amostragem maior no Brasil? O que possibilita que as palavras e a mera troca de palavras possam manter as pessoas ocupadas anos a fio, sem que nunca haja uma tentativa de ir além do que já está verbalizado, porque é claro que se a atividade mental se reduz à troca de fórmulas verbais, então isso vai ser uma coisa tremendamente repetitiva porque não existe o ingresso de nenhum elemento extraverbal que possa enriquecer a realidade, enriquecer nem mesmo o vocabulário. Se todo mundo tivesse procedido como os brasileiros desde o início dos tempos, as

peças ainda estariam dizendo as mesmas coisas que o homem de Neanderthal dizia nas suas cavernas, porque o repertório verbal, uma vez formado, é repetível. Se não houver elementos do mundo exterior que forcem a linguagem a se ampliar, a se modificar e a se aprofundar para dizer coisas que ela não tinha dito antes, então a linguagem estabiliza e você continua eternamente dizendo as mesmas coisas. Existem culturas inteiras que foram assim, só que elas eram assim com um propósito. Por exemplo, a educação chinesa, durante muitos séculos, consistia em você simplesmente imitar modelos verbais considerados perfeitos. Ninguém tentava dizer nada de novo, não havia nenhuma experiência humana nova, dizia-se sempre as mesmas coisas mais ou menos da mesma maneira. Só que isto era o método de seleção dos altos funcionários do Estado, porque eles queriam pessoas que pensassem e falassem de forma padronizada, e que dissessem sempre as mesmas coisas. Ou seja, não era o mesmo fenômeno o Brasil, porque eu creio que no Brasil o Estado ainda não aprendeu a se aproveitar disso, e não creio que exista nenhuma função neste negócio; é simplesmente um hábito, um cacoete mental brasileiro.

Eu notei essas quatro correntes que são de fato as dominantes. O Dr. Meira Penna até me mandou um e-mail dizendo “Você esqueceu o positivismo”. Entretanto, o positivismo de certo modo já saiu da moda e só aparece hoje sob a versão do liberal-iluminista-materialista-cientificista. Assim, está de certo modo absorvido ali, não é mais uma força autônoma. De fato, são essas quatro correntes. E os praticantes dessas quatro linguagens eles têm menos interesse em conhecer a própria tradição em que eles se declaram integrados do que em julgar aquilo que não pertence a essas tradições. Por exemplo, se eu pensasse em me tornar um filósofo aristotélico-tomista *ex professo*, quanto tempo eu levaria para absorver essa tradição? Com menos de 10 anos de estudo você não faz isso. Porque você vai ter que ler no mínimo os dois autores mencionados no título: Aristóteles e Sto. Tomás, e também conhecer toda a tradição de estudos a respeito, de maneira que leva uns 10 anos de estudo. Mas a gente vê que as pessoas, mal tomaram contato com isto, já começam a discordar do que não é aristotélico-tomista. Então, a atenção está mais focada em reclamar dos outros do que em conhecer a sua própria filosofia, o que mostra que se trata evidentemente de uma atividade puramente histriônica e voltada para obter o apoio do grupo de referência, imaginário também, e não uma atividade que tenha a ver qualquer coisa com o conhecimento humano. No tempo que eu militava na esquerda, eu ficava muito impressionado porque de todas as pessoas que eu conhecia ali, eu só conhecia três que estudavam Karl Marx. Só três. Certamente, havia outros, mas da centena de pessoas que eu conheci, só três estudavam. E, no entanto, todos condenavam enfaticamente o que quer que não concordasse com o marxismo, e a hostilidade deles com os anti-marxistas era maior do que do que seu interesse pelo marxismo. Ali eu comecei a perceber como funciona esse negócio de grupo de referência. É claro que tudo isso é uma perversão, é uma doença, e no Brasil o desaparecimento da cultura superior permitiu nos últimos dez anos um florescimento espetacular dessas coisas. Mas toda perversão tem que ter algo que ela perverta. Tem que ter um substrato real e saudável, normal, que ela então exagera e amplifica.

Eu pensei o seguinte – note, o que eu vou dizer agora não tem nada a ver com a cultura brasileira; em relação à cultura brasileira, eu dei o exemplo de uma perversão, e agora eu vou falar de uma outra realidade fundamental cuja existência se manifesta inclusive através dessa perversão, mas não só disso evidentemente –: Na última semana, a minha atenção foi chamada para este assunto pelo fato de que, mal eu publiquei o programa de um curso que vou dar – eu não dei ainda o curso, não proferi nenhuma palavra dele – já apareceram críticas a ele do ponto de vista aristotélico-tomista. Eu caí de costas. Mas como?! Nem Aristóteles ou Sto. Tomás juntos seriam capazes de analisar do ponto de vista aristotélico-tomista um curso que ainda não foi dado. E, no entanto, no Brasil isto é possível. A partir disso, eu me lembrei de outro assunto que eu tinha examinado anos atrás, do qual eu nunca escrevi uma única palavra e acho também que nunca falei nada, apenas mencionei de passagem, que é o seguinte: da totalidade daquilo que chega ao nosso conhecimento, neste mundo, existem dois tipos de seres que você não pode confundir e que vocês jamais confunde. Você nunca confunde uma pessoa com uma coisa. Nunca, não há a menor possibilidade. Você já ouviu falar de alguém que, por exemplo, [30:00] se casasse com um sabonete ou com uma pedra, ou uma árvore? Não, ninguém faz isso. Ou de um sujeito que conversasse com um sabonete, com um copo d'água, com uma mesa, com uma árvore? Se o sujeito fizer isso, você diz que ele não está bom da cabeça, e você sabe que essa atividade dele não tem funcionalidade alguma. Se ele, por exemplo, conversar com uma árvore, ele vai ter que fornecer as suas falas e também as da árvore. Portanto, é uma conversa que ele está tendo com ele mesmo fingindo que ele é a árvore. Isso quer dizer que a confusão entre gente e coisa simplesmente não existe na prática. Ela pode acontecer como confusão, como patologia, desde que não tenha nenhuma funcionalidade e desde que a pessoa não comece a agir seriamente em função daquilo. Podem existir alegorias onde você faz as árvores falarem, mas isso só funciona na alegoria, você não vai levar isso à prática. Existe entre os homens e as coisas um terceiro tipo de seres que são os animais, os bichos: eles têm algo de gente e algo de coisa, são os intermediários. E os intermediários se distribuem numa escala onde há os bichos que mais parecem gente – uns dizem que são os macacos, mas eu acho que são os cachorros; por isso que na Índia se diz que os macacos e os cachorros se odeiam, porque são os concorrentes à condição de seres humanos – e na outra escala você tem bichos que realmente parecem coisas. Existem alguns bichos que é difícil você reconhecer um animal nele, mas o biólogo assegurará que são animais.

Em muitas civilizações você vai ver que a experiência que os seres humanos têm da totalidade ilimitada do real, ou seja, dessa noção de que existe um universo dentro do qual estamos, o qual você pode conceber como infinito ou ilimitado ou, quando você o concebe como uma totalidade finita, você concebe como existindo algo adiante dele – como no modelo medieval onde além das esferas das estrelas fixas, você tem as esferas dos anjos e vai subindo até chegar ao trono divino, que por sua vez era infinito – você verá que durante milênios esta experiência de estar dentro de um universo se traduzia sob a forma de narrativas míticas, ou seja, a realidade do universo era expressa como se fosse uma história, e a história naturalmente se passa entre seres humanos ou seres que têm atributos humanos: deuses, anjos, demônios, fadas,

duendes etc. Todos agem como seres humanos: têm decisões próprias, fazem escolhas, têm preferências, não são totalmente previsíveis, podem mudar de idéia, se transformam... E essas formas narrativas mostravam a totalidade do real como sendo eminentemente uma realidade humana. Claro que dentro dessa realidade havia coisas. Por exemplo, moravam em casas, comiam alguma coisa, usavam armas quando havia guerras, etc. Havia todas essas coisas, mas elas estavam integradas dentro de uma moldura geral que era eminentemente humana. Na mitologia grega, qual é o segredo último do universo? O segredo último são os conflitos entre os deuses, que têm várias conseqüências, entre as quais a criação deste universo onde vivem os seres humanos, e a criação dos próprios seres humanos e o destino de todos os seres humanos sobre a terra. Ou seja, a explicação última do universo era uma narrativa e esta narrativa continha eminentemente ações, que nós podemos dizer humanas. Isto foi assim em todas as civilizações durante muitos milênios.

Foi na Grécia que se decidiu tentar buscar outro tipo de expressão da realidade última que se cristalizasse não numa narrativa, mas em afirmações sobre o ser. Então, você passou da narrativa, que evidentemente era no passado, para o tempo presente. Mas não o presente temporal, e sim o presente eterno, o presente perpétuo. Quando Parmênides disse “O Ser é, o Ser não é”, não faz sentido você perguntar quando foi isso. Então se está buscando expressar não uma narrativa, mas aquilo que há de constante e imutável dentro da própria narrativa. É claro que isto foi uma revolução do pensamento. Ninguém havia tentado isto antes: em vez de expressar o segredo do universo mediante uma narrativa mítica, expressá-lo em fórmulas metafísicas que dirão o que é permanente e imutável. Ou seja, não é o acontecer, é o contrário do acontecer. Aquilo que é não acontece, porque o que acontece começa e termina, mas o ser não cessa nunca. O que eles estavam querendo dizer é que por trás das histórias, das narrativas, existia uma realidade mais permanente, que transcendia então o espaço e o tempo.

Com o decurso do tempo, passado alguns milênios, essas várias fórmulas metafísicas acabaram entrando em conflito. Um dizia que era de um jeito, outro dizia que era do outro, e não foi possível nenhum consenso. Desse modo, entre o século XVI e XVIII, houve outra mutação, na qual já não se tenta expressar em fórmulas permanentes a estrutura inteira da realidade, mas apenas uma parte dela, que é a chamada a natureza física. Note bem: que exista uma natureza física totalmente distinta da realidade humana e que possa ser descrita nos seus próprios termos, sem referência ao ser humano que a habita, é uma coisa que nunca foi provada. Ou seja, a natureza é uma totalidade independente separada da realidade humana, e todas as narrativas humanas, isto é, todos os acontecimentos humanos que se deram dentro da natureza são indiferentes a essa natureza e não têm nada a ver com ela, de modo que a natureza pode ser descrita como uma coisa. Não há nenhuma prova de que isto seja assim. Quando, quatro séculos mais tarde, a física quântica descobre que a atividade mental humana afeta o comportamento das partículas subatômicas, então é evidente que este mito da natureza como uma coisa totalmente separada, fechada em si mesma, uma identidade própria, cientificamente não funciona. No entanto, ele é ainda o nosso quadro [40:00] de referência. Todos nós que fomos educados na cultura moderna acreditamos

que nós vivemos dentro de uma imensa coisa chamada natureza ou universo. E que dentro desta coisa acontecem coisas a seres humanos. Existe o nascimento, desenvolvimento e morte das nações, dos estados, das civilizações, existem os vários dramas individuais etc., mas tudo isso não afeta em nada a estrutura básica da coisa.

Ora, o que é uma coisa? Uma coisa é uma realidade que pode facilmente ser reduzida a alguma fórmula expressando a sua índole repetitiva. Por exemplo, a fórmula de uma substância química, uma vez dada, aquela substância química não será alterada por nada. Ou um tipo de mineral qualquer. Tão logo você descobre a estrutura de um mineral, você sabe que ele será eternamente daquele jeito. A natureza dessas coisas pode, então, ser expressa mediante fórmulas, idealmente fórmulas matemáticas. Quando não conseguem chegar a uma perfeita matematização, eles não perdem a esperança. Então, o ideal do cientista que estuda a coisa chamada natureza ou universo é chegar a uma descrição perfeitamente estática e fechada desta coisa, de tal modo que ele tenha o total controle intelectual da coisa. Ora, faz parte da natureza das coisas estarem sob o domínio dos seres humanos. Então, isso quer dizer que a apreensão da fórmula constante e repetitiva da coisa permite o controle intelectual e prepara, por sua vez, o advento do controle tecnológico sobre a coisa. Por exemplo, como recentemente se chegou a uma descrição mais ou menos completa das espécies animais existentes, você pode passar a fazer experimentos para cruzar espécies animais e gerar novos seres. Daí você passou do mero controle intelectual para o controle tecnológico, de modo que você possa fazer cabritos, bois e vacas em laboratório, e criar outras espécies. Então, é próprio da coisa estar sob o domínio do ser humano. A coisa se oferece ao ser humano com uma constância admirável para o ser humano ter o tempo de, ao longo dos milênios, compreender perfeitamente a estrutura e as leis de funcionamento daquela coisa, de modo que ela não apresente surpresa para ele. Claro que quando se trata de coisas tão grandes como o próprio planeta Terra, fica difícil você ter um controle até mesmo intelectual. Veja que até hoje ninguém consegue prever um terremoto com mais de dez minutos de antecedência. Então o controle é muito precário. Mas considerando que o planeta Terra é uma coisa, como uma simples pedra é uma coisa, teoricamente nada impede que nós cheguemos ao controle intelectual total do que se passa na Terra. Hoje se tem um investimento maciço em controle do clima. Ou seja, a Terra aí também é vista como uma coisa, que, portanto, está oferecida para nós para que nós a dominemos primeiro intelectualmente e depois tecnologicamente.

Portanto, a natureza da coisa é ser estável, repetitiva, redutível a fórmulas e estar constantemente oferecida ao controle humano. Ora, de uns quatro séculos a esta parte, junto com o desvio do foco de atenção da realidade como um todo para esta parte chamada natureza, veio sutilmente também a tendência a acreditar que a totalidade da realidade tem a natureza de uma coisa, e não a natureza de uma história humana. Isso quer dizer que a idéia de que a ciência pode chegar a uma explicação global da realidade supõe que a realidade como um todo é uma coisa. Nenhum cientista pensaria, hoje em dia, em tentar apreender a natureza inteira da realidade sob a forma de uma história humana, de um mito, por exemplo. Ora, qual é a prova de que a

totalidade do real tem a estrutura de uma coisa e não a estrutura de uma existência humana? Não existe nenhuma prova disso.

Mais recentemente, o estudo sobre as narrativas míticas chegou à conclusão de que o mito é o quadro supremo de todo o pensamento humano, inclusive do pensamento científico. Ou seja, o pensamento mítico não pode ser superado, porque não existe nenhum mais amplo do que ele. Por exemplo, imagine o que a ciência pode fazer em matéria de explicação total da realidade? Ela pode explicar – ou acha que pode – a origem da matéria. Mas como eu já expliquei para vocês aulas atrás, se houve uma origem da matéria é porque houve forças causais capazes de produzi-la, e essas forças não podem ter sido um nada. Isso quer dizer que se houve a origem da matéria bilhões de anos atrás, é porque antes da origem da matéria havia forças de duração infinitamente maior do que todo o universo material e que já estavam lá presentes, e essas forças não são um nada. Isso quer dizer que a pergunta pela origem do ser não pode ser compreendida em termos científicos. Só pode ser compreendido em termos científicos aquilo que é abrangido pelos métodos das mesmas ciências, e o máximo de amplitude que a ciência pode alcançar é a origem da matéria. Se você perguntar: de onde vieram as forças? Abre-se um abismo imensurável. E esse abismo imensurável, onde se desenrola a história das forças anteriores ao advento da própria matéria e do universo onde vivemos, é precisamente o mundo mitológico. Então, quando você abre a Bíblia e lê “no princípio, Deus criou o céu e a terra”, você percebe que, se Ele não estava nem no Céu, nem na Terra, porque ele os criou, isso quer dizer que a existência d’Ele é anterior ao Céu e a Terra e os abrange. Ou seja, o mundo da origem do ser só é acessível ao pensamento mitológico, e o pensamento mitológico conta tudo sob a forma de uma narrativa de fatos que se sucederam não entre coisas, mas ações entre forças perfeitamente consciente de si mesmas. Forças dotadas de identidade e de liberdade de ação, capacidade de escolha, como, por exemplo, se conta a rebelião dos anjos. Se os anjos se rebelaram contra Deus é porque eles tinham a capacidade de escolha, e portanto não eram coisas, não agiam como coisas, mas como gente. [50:00] Então, essa concepção antropomórfica do Universo jamais poderá ser superada porque ela abrange e contém a concepção “coisomórfica” do Universo. Ou seja, a explicação do Universo como coisa pressupõe uma explicação anterior, que não pode ser nem sequer pensada nos mesmos termos da explicação de um Universo de coisas, de um Universo-coisa.

Quando nós lermos esses clássicos da filosofia que eu indiquei pra vocês, vocês vão ver que todos eles levam em conta o mundo da narrativa mítica anteriormente a qualquer pergunta que eles possam fazer sobre o universo atualmente existente. Todos eles. Não tem um que ignore isto, e não tem um que pretenda transcender isso. Isso quer dizer que ainda hoje a narrativa mítica é a forma mais extrema e mais abrangente de explicação da realidade que nós temos. Quando você lê essas narrativas de pessoas que estiveram clinicamente mortas, elas vão a outra dimensão da realidade e voltam contando alguma coisa. O que elas voltam contando é a resposta para as nossas perguntas, mas a resposta não toma a forma de uma fórmula científica. Jamais. Tomam a forma de uma narrativa do encontro com a explicação final. Mas a explicação final são pessoas, e não coisas, e não fórmulas.

Então, é claro que nenhuma investigação filosófica, ou nenhuma teoria científica, nos leva a este ponto de conhecimento da estrutura última da realidade. O indivíduo que esteve do lado de lá, que transpôs o portal da morte e nos conta o que ele agora sabe, é evidente que ele sabe muito mais coisas do que os que nunca estiveram lá. Ele está muito mais próximo de uma resposta final do que qualquer ser humano vivente que não tenha tido essa experiência e que tenha passado toda a sua existência dentro deste campo reduzido da nossa experiência terrestre atual. Então, é o caso de você perguntar: “E se a estrutura última da realidade não for a de uma coisa, mas for a de uma história, de uma narrativa? E se essa narrativa não puder ser explicada por nada porque ela é a explicação final?” Não há nenhuma prova de que as coisas não são assim e há uma série de indícios de que são precisamente assim. Ou seja, todo o esforço humano de reduzir a realidade a fórmulas, sejam metafísicas, sejam científicas, falha porque a estrutura última da realidade não é a de uma coisa. Não é sequer a de leis. Mesmo leis divinas, leis eternas, porque Deus transcende as suas próprias leis. A história de Deus é anterior à história dessas leis, mesmo porque Ele fez essas leis para este universo e para os seres que vivem dentro dele, e Ele nem está limitado às fronteiras deste universo e nem tampouco está limitado pelas leis que Ele mesmo impôs aos seres que aqui dentro vivem.

Esta teoria da natureza narrativa da realidade, por si mesma, basta para explicar porque a atividade mental mais constante e mais disseminada do universo é contar histórias. Se você tomar toda a atividade explicativa a que o ser humano se dedicou, ela é nada em comparação com a dimensão da atividade narrativa. Note bem que a maior aproximação que a própria ciência da natureza consegue de uma explicação última é também uma narrativa: a narrativa do *Big Bang*. O *Big Bang* é algo que aconteceu uma vez só, e que, portanto, não pode ser compreendido como uma constante, mas só pode ser narrado.

A civilização moderna criou esta ilusão de que nós vivemos dentro de uma coisa, e não dentro de uma narrativa, dentro de uma história. E não há absolutamente nada que prove esta visão. Ao contrário, existem fortes sugestões de que a outra visão, a visão da totalidade do universo como uma narrativa, é muito mais viável. E é porque a estrutura da realidade é de uma narrativa é que uma das principais ocupações humanas é inventar uma narrativa que lhes pareça conter a explicação dos fatores fundamentais da sua vida. E essas várias narrativas – como, por exemplo, esses quatro grupos – não precisam corresponder com a realidade exterior, porque o indivíduo quando perde o verdadeiro fio da meada da verdadeira narrativa universal na qual ele está envolvido, nada lhe sobra senão inventar uma narrativa substitutiva e passar a viver dentro dela. Essa narrativa é falsa, mas tem a mesma estrutura da narrativa universal: começo, meio e fim. E esse começo, meio e fim tem mais força explicativa do que qualquer teoria científica. Desse modo, esses grupos inventam as suas mitologias pessoais, mitologias grupais, porque na pior das hipóteses a mais falsa das narrativas será uma narrativa, e neste sentido coincide com a própria estrutura da realidade, ou seja, ela simboliza a realidade. A única diferença é a seguinte: a narrativa da realidade foi escrita por Deus e as outras foram escritas por nós. Só existem duas maneiras de você

se relacionar com a narrativa divina: ou você reconhece que está dentro dela e que você não sabe a história inteira, e que qualquer narrativa que você invente só vale na medida em que se encaixa dentro da narrativa divina, que se abre para ela – portanto você sabe que a sua narrativa é somente um símbolo de outra narrativa que a transcende infinitamente –, ou você acredita na sua própria narrativa e entra dentro dela. Todas as narrativas seriam válidas, se elas tivessem essa abertura, se elas soubessem que elas não são realidades no sentido literal. [60:00] Lembrem-se daquela frase de Sto. Tomás de Aquino: nós falamos com palavras, mas Deus fala com palavras e coisas. Portanto, tudo que existe no mundo faz parte da narrativa divina. É um capítulo, um parágrafo, uma vírgula da narrativa divina, mas está lá. E essa narrativa continua sendo contada.

Quer dizer que aí nós podemos usar a distinção feita pelo Northrop Frye: existem mitos e existem fábulas. O mito é apenas um símbolo autoconsciente da narrativa divina. Uma fábula é uma história que acredita em si mesma. Ela pode funcionar enquanto símbolo também, na medida em que ela contenha a consciência da sua própria limitação e do seu caráter simbólico. Mas quando ela pretende ser uma verdade literal, aí ela se torna falsa no mesmo instante. Por exemplo, a história da luta de classes. Como um mito, ela pode funcionar. A luta entre os ricos e os pobres pode simbolizar a luta entre os anjos e os demônios, entre os santos e os danados, e assim por diante. Portanto, ela pode se integrar na narrativa divina como um símbolo. Mas se você acreditar que ela é literalmente a verdade, ela se torna falsa no mesmo instante. Do mesmo modo, a narrativa do *Big Bang*. O *Big Bang* pode ser uma imagem, mais ou menos adequada, da criação do mundo *ex nihilo* -- o mundo foi criado *do nada*, mas não *por um nada*. Do nada, quer dizer que não havia uma matéria, mas havia a força de criar a matéria. Nesse sentido, o *Big Bang* pode ser aceito como verdadeiro ou como falso indiferentemente, desde que ele é um símbolo, e como todo símbolo ele é verdadeiro em alguns sentidos e falso em outros.

A necessidade humana das narrativas é determinada pela própria estrutura da realidade. Mas quando a percepção da totalidade como narrativa desaparece, então é claro que surge uma profusão de fábulas – literárias, científicas, cinematográficas, sociológicas, históricas, etc – onde o ser humano, o indivíduo humano, ou grupo humano, acredita que ele é que o narrador, quando ele não é, ele é um personagem. Por exemplo, o romancista não está dentro da sua própria história. Ele está fora e mais ou menos ele controla aquele conjunto, como se fosse um pequeno demiurgo. Se ele sabe que ao fazer isto ele está apenas prolongando a narrativa divina, e imitando-a microcosmicamente, então ele está dentro da realidade. Mas se ele acreditar realmente na sua própria história, você dirá que ele está maluco. Agora, porque você diz que o romancista está maluco quando faz isso e não diz que o cientista está maluco quando faz exatamente a mesma coisa. O romancista sabe que a sua narrativa é um símbolo, mas o homem do *Big Bang*, será que sabe? Não, ele acredita que aquilo é literalmente verdade, e pelo simples fato de acreditar nisso, você vê que ele está fora da realidade. Está fora porque se você concebe a criação da matéria como o extremo limite da realidade, ao mesmo tempo em que você está afirmando a existência de forças anteriores à criação da matéria, você fez uma teoria autocontraditória. Você está dizendo: tudo começou aqui, porque

antes havia isto e aquilo e aquilo outro. Eu digo: então, como tudo começou aqui? Outros são tão cretinos que confundem o começo absoluto com o advento da vida na Terra. Se você faz a eles a famosa pergunta de Leibniz porque existe o ser e não antes o nada, eles respondem como o Dr. Richard Dawkins: “Talvez tenham sido extraterrestres que trouxeram a vida à Terra”. Eu digo: Sim, mas de onde vieram os extraterrestres? Eles eram uns nada, que vieram pilotando discos voadores compostos de nada? No mínimo, tinham que ser compostos de anti-matéria, na mais evanescente das hipóteses. Isso quer dizer que quando o indivíduo acredita nessas narrativas científicas, ele está se colocando radicalmente fora da estrutura da realidade. Mas ao mesmo tempo ele não pode sair dela realmente, então ele só sai dentro de sua própria narrativa, e é claro que ele não confia nela totalmente – ninguém pode confiar nisso totalmente – daí a necessidade de afirmar e reafirmar e impor a todo mundo, de modo que a sua fábula se transforme na vida alheia e determine a vida alheia. Esta é a origem das ideologias totalitárias. Todas elas têm origem científica: são fábulas que desejam se impor como realidade. E esta, também, muito mais remotamente, é a origem dessas pequenas mitologias grupais que se observam num país periférico, num lugar que não tem importância nenhuma.

Eu quis explicar isso como uma espécie de prólogo às leituras filosóficas. Nenhum filósofo que se preza leva a sua própria filosofia a sério até o fim. Ele sabe que aquilo é simbólico, porque se ele pretender que aquilo é a própria estrutura, então naturalmente ele se colocou fora da estrutura e a abrangeu intelectualmente; agora ele é o demiurgo. E se o sujeito fizer isso, ele não é mais um filósofo, mas um maluco. Você vai ver que os grandes filósofos – Platão, Aristóteles, Leibniz – sempre sabem que estão trabalhando dentro de uma estrutura mítica que eles mesmos não compreendem, mas que os abrange, e que é a própria história da totalidade da qual eles fazem parte.

[68:00]

Transcrição: Gilberto Luiz B. Edson, 14/05/2011

Revisão: Tiago Araújo Silva Venson, 27/05/2011 [Tiago.venson@gmail.com]